

# DEPOIS DA VITORIA DE SABIA, TOM E CHICO BRINDARAM COM CERVEJA E COMBINARAM, ALI MESMO, FAZER UMA MUSICA JUNTO COM VINÍCIUS

Chico Buarque chegou ao Rio na manhã de domingo, vindo de Roma num vôo sem escalas. Do Aeroporto seguiu para a casa de Tom Jobim que, por sua vez, não dormia direito há 15 dias. Almoçou feijoadada na casa de um amigo. Depois da vitória no Festival, os dois pretendiam comemorar rapidamente e discretamente. "Eu e Chico vamos para a casa do meu grande amigo Raimundo Wanderley, no Leblon, meu esconderijo preferido em época de festival. Mas não espalha. Isso é segredo militar, no bom sentido" — disse-me Tom, ao chegar ao Maracanãzinho.

Anunciado o resultado, a casa de Tom ficou cheia de gente. No Antonio's, restaurante que costumam frequentar, o champanha já estava no gelo. Os compositores de *Sabá* saíram do Maracanãzinho seguidos por um carro de reportagem, do qual se descartaram em Ipanema. E, na casa de Raimundo Wanderley, Tom foi o primeiro a chegar. Pegou um copo de cerveja, tirou paletó, gravata e sapatos e começou a falar:

— Será que o Chiquinho vem? E o mar, está manso? A gente disfarça à beça, mas deu aquela sensação! Estou velho no meu canto e vem o Chico fazer o *sabá* cantar. E fica todo o mundo falando no Tom, só porque o Tom está no quartirão e o Chico na Itália.

E prosseguiu:

— Ele chegou lá em casa hoje de manhã. Fui dormir cedo e disse à empregada que, se alguém ligasse ou viesse, não devia me acordar. Eu precisava descontrair um pouco. Mas a fiel Rute perguntou o que fazer se Chico chegasse. Eu respondi: "Fala que estou escondido num hotel." Dez minutos depois, com o *sabá* já cantando lá fora e o sol querendo sair, apareceu o Chico com umas 30 pessoas. Vinícius chegou meia hora depois, ele que tem o melhor radar que já vi. Com essa vitória, perdi uma caixa de Johnny Walker Black Label para o Vinícius de Moraes e uma de Chivas Regal para o Billy Blanco. Os dois juraram que o *Sabá* venceria.

Elizabeth, a filha de Tom, chegou com a mãe, Teresa. Deu um beijo no pai e disse baixinho:

— Até amanhã, porque hoje você não vai dormir lá em casa.

E Tom continuou contando o que aconteceu durante o dia:

— Eu queria ir ao Galeão para receber o Chico Buarque com uma enorme vaia, para ele sentir a barra pesada, com sotaque paulista. Mas não fui. E, no Maracanãzinho, senti toda a emoção do Chico: os olhos verdes dele estavam do tamanho de um pires de xícara de cafézinho. Brasileiro só gosta de fazer sucesso no Brasil. Sucesso

lá fora não dá alegria: dá é solidão em quarto de hotel. O Chico tem aquela generosidade toda, a preocupação de dedicar a música para toda gente. Não precisa de mim para nada, música e letra ele faz com aquele seu embalo total. Agora, éle, o Vinícius e eu vamos fazer uma música juntos.

Uma voz no jardim pergunta alto:

— Aqui é a casa do Dico?

Tom Jobim reconheceu logo a voz de Chico Buarque de Holanda, que entrou e foi dizendo:

— Vim só pela metade. Vou voltar para apanhar a Marieta e minhas irmãs.

E saiu. Tom ficou falando:

— Eu sei tão pouco do Chico! Ele tem um Volkswagen chamado Fidias Calixto, e



Tom não bebe uísque, mas perdeu duas caixas em apostas. O brinde foi com cerveja gelada.

é só. O resto eu ignoro. Quando correu o boato de que o Brasil havia ficado em terceiro, lá no estádio, nós descansamos. E eu acreditei. Disseram que havia uma política esquisita: fazer aqueles artistas estrangeiros todos viajarem 15 a 20 horas de jato para ver a gente ganhar parecia igreja. Depois, os amigos no júri ficam tão honrados que têm de votar contra você para serem honestos.

Chico voltou, já acompanhado. Sentou e pegou o copo de cerveja:

— As letras que eu fiz foram as letras que Vinícius de Moraes não quis fazer. Ele inventou a contra-bossa-nova, a contra-contra-bossa-nova e agora parou. Estamos todos quietos, esperando Vinícius descobrir outra coisa. A canção de protesto se cansou, ficou óbvia e inútil. Daí eu fiz *Sabá* apelando para a saudade. Na letra, quis mos-

trar a saudade em exagêro, o saudosismo alucinado. A intenção é levar a saudade ao chega de saudade, porque ela já está ficando bôba de tão repetida. Mas de que adianta tudo isso? Na hora em que nos avisaram do terceiro lugar, fiquei tranqüilo e sem compromisso. O terceiro lugar é calmo. Não é que sentisse alegria, mas senti paz, e paz não é sempre alegre. Depois, veio a notícia da vitória. Aí foi como se nos tivessem chamado para a guerra que não acabara ainda. Nós dois não falamos nada, mas ficamos com aquela obrigação de fazer cara de vencedor, cara de quem levanta troféu, que é mais difícil do que a de quem perde. No palco, era um barulho que a gente não sabe definir. Eu já estava cansado e com vontade de ir para casa.

— Chico, achei bonito você zangar com a polícia. Na saída, quando eles fizeram o cordão de isolamento e foram levando a gente para fora, você se irritou...

— Eles estavam empurrando as mães. Aquele afilhado da Elisete veio falar comigo e os soldados deram nela um tremendo empurrão. Sei o que é multidão e que às vezes ela fica perigosa. No Norte, já fui mordido e arranhado. Mas ali estava todo mundo contente falando direito com a gente e o pessoal da polícia, empurrando e fazendo cordão, ficou antipático.

Os prêmios seriam entregues na noite de segunda-feira, em baile no Clube Monte Líbano. Tom comentou:

— Chico, eu não vou, não agüento mais. Você chegou novo, com 24 anos, tem que se virar...

— Eu também não vou. Tenho de passar o dia ensaiando a *Benvida*, para o Festival da Record. Gosto realmente dela e fico o dia inteiro tocando o violão. E ainda não sei se vale a pena essa coisa de festival. Venho da Itália por causa de um, volto para lá depois de outro, acho que chega.

— Chico, eu queria no domingo passado ligar para você em Veneza.

— Eu também, mas não consegui. Depois de ter falado com minha mãe e com meu empresário, o Roberto Colossi, a telefonista disse que não dava mais. Ficou falando português comigo, eu pensei que fosse brasileira, mas ela respondeu que queria visitar meu país e só então percebi que era europeia, mesmo. De Berna, Suíça. Foi o Colossi quem me falou da vitória e da bruta vaia. Eu não acreditava que a canção pudesse ganhar o Festival.

— Chico — disse Tom — eu acho que vou viajar para o Brasil hoje...

— Logo hoje, quando eu vi aqueles carros todos amassados no Aterro?

— Isso vai salvar muita gente...

— É, Tom, mas atrapalha o turismo.



EM DUAS SEMANAS DE PERMANÊNCIA NO RIO, OS ARTISTAS DO FESTIVAL APRENDERAM TODOS OS CAMINHOS ALEGRES E ELEGANTES DA NOITE CARIOCA

"Depois de tantas recepções sensacionais, vou passar um ano sem sair de casa" — disse a cantora americana Dinah Shore, ao sair da festa em homenagem aos artistas do Festival, no Iate Clube do Rio. Além desse baile, organizado com sucesso pelo Comodoro Carlos de Brito e por Paulo Serrano, os astros internacionais conheceram a Sucata, o Zum-Zum e uma escola de samba. A festa da Sucata (em benefício da Celpi) teve à frente as Sras. Emília Seabra (outrora uma das irmãs Meirelles) e Idinha Seabra da Veiga. Foi um acontecimento bonito e muito elegante. No Zum-Zum, os artistas, liderados por Augusto Marzagão, dançaram iê-iê com alguns dos belos brotos das noites cariocas. (De José Rodolpho Câmara.)



Antoine foi uma das atrações para o elegante público que prestigiou a grande festa da Sucata.



Ao lado, Magdalena Iglésias dança com o maestro Joaquim Luis Gomes, de Portugal. Em cima: Françoise Hardy, no Zum-Zum. A cantora francesa foi sem dúvida, a artista mais elegante do Festival da Canção, apresentando-se sempre com modelos apropriados para as mais diferentes ocasiões.



A peruana Patricia Aspillaga dançou sem em primeiro plano, Marta Rocha Xavier





O GRANDE CERTAME NÃO  
ACONTECEU APENAS NO  
MARACANAZINHO. EM TODOS  
OS LUGARES A QUE OS  
ARTISTAS, MAESTROS E  
COMPOSITORES  
COMPARECERAM, HAVIA  
CLIMA DE FESTIVAL

● Françoise Hardy era sempre a última a descer ao sagão do Hotel Savoy, e, nas rodas de que participava, sempre falou muito pouco, limitando-se a lacônicos *oui*.

● A tcheca Helena Vandrcková fez sucesso de verdade no Arpoador, quando surgiu de biquini, merecendo longos assírios dos rapazes na praia.

● O policiamento do Maracanãzinho, muito preocupado com as faixas *subversivas*, fez uma coleta singular — onze dúzias de ovos, 30 quilos de tomates, 6 urubus e, pelo menos, duas faixas. Uma delas dizia — "Mais canções, menos canhões."

● O japonês Kyu Sakamoto gostou muito do milho cozido, em São Conrado, mas comeu pouco da feijoada, no Clube Federal. Caçula de nove irmãos, ele não se cansava de elogiar a paisagem, e confessou-se "doido para vir morar no Brasil", onde não tem nenhum parente. Impressionado, também, com a paixão do povo pela música, ele fez sucesso com a sua definição de flor: "Flor é a paz no coração."

● Vandré foi o brasileiro de maior sucesso entre as estrangeiras. Alexandra, a cantora alemã, só se referia a ele como *le roi* (o rei). Ela garante que voltará para o carnaval, mostrando-se muito foliona no Canecão.

● Peter Horton ganhou mesmo o título de galã do Festival. Foi o mais procurado no hotel, o que distribuiu maior número de autógrafos e o que reunia maior grupo de admiradoras na praia.

● Paul Anka não quis ficar no Hotel Savoy, indo hospedar-se por conta própria no Copacabana Palace. Só foi ao Savoy para dar uma entrevista coletiva, sempre muito profissional, com respostas medidas e cuidadas. Nas horas vagas, jogou pólo e foi à praia, ganhando uma cor bastante bronzeada, que o tornou quase irreconhecível entre os próprios estrangeiros.



Harry Warren, presidente do júri, mostrou-se muito entusiasmado com os números brasileiros apresentados nos intervalos da parte internacional: ouvia com atenção e aplaudia sempre com calor.



Benny Amdursky, de Israel, levou a esposa ao baile do Iate. Além de cantor, ele dirige uma fábrica de discos. A confraternização no baile incluiu trajes típicos, sem diferenças de idades.







Parar na festa promovida pelo Iate Clube do Rio de Janeiro. Embaixador de Lima, na Sucata. Na mesa detrás, o Sr. Ademar de Barros.



A cantora americana Dinah Shore emocionou o Maracanãzinho cantando *Up and Away*, e emocionou-se dançando samba na grande festa do Iate.



Giulietta Massina, atriz famosa e esposa do cineasta Federico Fellini, caiu no samba, em alto estilo, ao lado do pandeirista, no Iate Clube.